

## **Ato analítico e instituição: uma interlocução possível?<sup>1</sup>**

*Wilker França*

Na contemporaneidade o mundo sofre mudanças em sua ordem simbólica, a partir, dentre outras coisas, da queda dos ideais. Nesse sentido, o mundo mudou de mestre, do antigo mestre dos ideais para o mestre do mais-de-gozar. A sociedade capitalista produz objetos de consumo para fins de gozo, o que subverte a lógica do consumidor, levando-o à situação do próprio objeto consumido, consumido por esse discurso. A geração prozac diz imperativamente: seja feliz! Essa lógica tem implicações nos indivíduos, sujeitos mortificados, desbussolados que, como objetos, sofrem com as compulsões, depressões e passagens ao ato. Dessa forma, pensar a doença mental nesse contexto implica em pensar a própria lógica da sociedade contemporânea.

O lugar do analista em posição de semblante de objeto precisou se reinventar, não para atender a uma demanda do Outro com seus 'manuais para ser feliz', mas porque o analista deve ocupar um lugar que produza efeitos nos sujeitos afetados por essa lógica contemporânea. Assim, é preciso repensar e criar novas formas de lidar com os sujeitos frente aos seus mal-estares.

Lacan no seu seminário XV<sup>2</sup>, sobre o ato analítico, afirma que "o ato psicanalítico é evidentemente, o que dá suporte, autoriza a realização da tarefa psicanalisante". Dessa forma, o presente artigo pretende discutir o ato, visando entender sua operacionalidade em espaços institucionais, especialmente os de Saúde Mental. Assim, inicialmente abordaremos as características do ato analítico para depois relacioná-lo com a prática institucional.

Freud<sup>3</sup> aborda os atos em psicanálise na série das formações do inconsciente, nomeando-os de atos falhos e atos sintomáticos, dizendo que ambos possuem significações inconscientes e, portanto, são passíveis de interpretação.

Em seu texto "Recordar, repetir e elaborar"<sup>4</sup>, Freud aborda o ato na perspectiva da atuação, opondo-se à recordação. Para tanto, ele utiliza a palavra "agieren", com o objetivo de dizer que, ao invés de ser recordado, o que foi reprimido é expresso em uma ação, na forma de uma repetição. O autor prossegue, referindo que a repetição ocorre na transferência, afirmando que o paciente repete suas inibições, suas atitudes inúteis e traços patológicos de caráter, além de seus sintomas, quando não consegue recordá-los. Nessa perspectiva, o ato tem outra lógica.

Lacan, no *Seminário 10*<sup>5</sup>, ao tratar de diferentes modalidades de ato, afirma que a atuação é da ordem da evitação da angústia; é alguma coisa na conduta do sujeito que é orientada para o Outro, uma mostração, na medida em que isso quer dizer algo. O autor diferencia a atuação da passagem ao ato, pois na atuação o sujeito entra em cena como objeto causa de desejo e na passagem ao ato o sujeito sai de cena como dejetivo. A atuação é um ato simbólico que porta uma mensagem cifrada, enquanto que a passagem ao ato leva a uma saída da rede simbólica. Essa saída da rede simbólica ocorre através de um rompimento completo com o vínculo social, no qual a dimensão do Outro é suspensa.

Em 1967, Lacan dedica um seminário ao tema do ato analítico com o propósito de fazer os analistas se interrogarem a respeito dos atos na prática clínica. Santos<sup>6</sup> afirma que o propósito do seminário, de cunho ético e político, diz respeito também à manutenção de uma psicanálise distanciada de procedimentos estandardizados e aberta à contingência, que promove a surpresa. Brodsky<sup>7</sup> acrescenta que o ato analítico não apresenta o caráter da

repetição, traz consigo o elemento de surpresa, de acontecimento.

Na sequência das lições do seu seminário, Lacan<sup>8</sup> vem afirmar que o ato se mede pelas coordenadas simbólicas, em um efeito temporal na modalidade de um só-depois. A temporalidade do ato é a de um instante, um instante que corta e que instala um antes e um depois.

Vicente<sup>9</sup> articula a dimensão do ato analítico à dimensão de mudança, afirmando que há um campo que permite situar um antes e um depois, ao tempo em que há uma mudança do que era para o que se transformou. Sendo possível essa análise em um só-depois, "só tem efeito a partir do que precedeu", nos diz Lacan<sup>10</sup>. Dessa forma, um campo simbólico emerge, em efeito, criando seu próprio passado, gerando o equívoco de supor que estava sempre ali. Ou seja, na lógica do ato se pode crer que aquilo que o ato mesmo cria estava lá desde sempre.

O que caracteriza o ato e sua eficiência é sua dimensão significativa. Sobre essa relação do ato com o significante, Lacan afirma que o ato, por sua própria dimensão, é um dizer, o que não pode ser confundido com a eficácia de um fazer. O ato diz algo. "O ato é um ato de significante"<sup>11</sup>.

Entretanto, há que localizar o Outro, o simbólico, para ir mais além dele. Entendendo dessa forma, Lacan afirma que no ato não há Outro nem sujeito, pois está longe de ser uma intervenção subjetiva. Ocorre no dispositivo, com sua característica de contingência, quando o analista intervém sem fazer cálculos, em um dado momento.

Quando o analista intervém na contingência, advém o horror em relação ao seu ato, levando-o a interrogar-se, a partir da ausência de medidas prévias calculadas, antes de saber as consequências: "O que eu fiz?". Dessa forma, Lacan<sup>12</sup> pontua que em todo ato analítico há algo de insuportável.

### **O que autoriza o ato analítico?**

Em seu *Seminário 11*<sup>13</sup>, Lacan responde à nossa indagação afirmando que a única justificativa do analista intervir sobre o dinamismo pulsional das estruturas humanas advém quando um ser falante se deixa sofrer demais, quando o gozo que conflui a vida e a morte excede os limites do insuportável.

Bentes<sup>14</sup> aponta para uma diferenciação importante feita por Lacan quando ele situa o ato analítico entre o fazer do analisante e o que autoriza o ato do analista, apontando assim, que o ato depende do consentimento do próprio analisante.

Guimarães<sup>15</sup> afirma que, quando os revestimentos simbólicos e imaginários falham em suas funções de suplência, despindo o núcleo real da função paterna que amarra o eixo da estrutura neurótica, o real do Pai aí se revela como imperativo de gozo, imperativo incontrollável que aspira o ser falante a um poço escuro e insuportável da morte. Nesse ponto de dinamismo pulsional, o analista é autorizado a intervir. No caso da psicose, poderíamos supor que isso acontece quando os revestimentos imaginários e simbólicos, em suas funções de suplência, falham, apontando para a forclusão do Nome-do-Pai, o que quer dizer que o real do Pai revela-se, como imperativo, através de um gozo mortífero.

Poderíamos também articular essa questão da autorização do ato analítico com um assunto bastante discutido por Lacan<sup>16</sup>, que é a relação do ato analítico com a transferência. O autor afirma, nesse seminário, que o ato analítico não pode ser pensado fora do manejo da transferência. Isso nos leva a concluir que, se o ato só pode ser identificado a partir dos seus efeitos, em um só depois, é necessário que o sujeito sob transferência

consinta com o ato analítico. Consentimento este que poderá ser verificado a partir dos efeitos.

Lacan<sup>17</sup> afirma que "é na medida em que o psicanalista dá a esse ato sua autorização, que o ato psicanalítico se realiza". É, então, a partir da autorização do analista à tarefa psicanalisante que o ato se constitui a partir de seus efeitos no trabalho de transferência.

### **Ato e sujeito**

Lacan<sup>18</sup> diz que é na subversão do sujeito que está a função do ato. E para tentar compreender o que significa isso, é importante pensarmos o que é a subversão. Segundo o dicionário de Ferreira<sup>19</sup>, *subversão* quer dizer ação ou efeito de subverter; revolta contra o poder constituído. Ou seja, existe algo previamente constituído e a revolta surge para transformar, definitivamente, algo. Mas o que quer dizer "subversão do sujeito" para a psicanálise?

Certamente não encontraremos essa resposta fazendo relação com a consciência e o eu, mas sim com o inconsciente que se revela na fala daquele que busca entender o seu sintoma, como pontua Besset<sup>20</sup>. O sujeito, para a psicanálise, estaria mais próximo do homem que se mostra na música de Vinicius de Moraes, "O canto de Ossanha" - no verso: "O homem que diz 'sou' não é / Porque quem é mesmo é 'não sou'" - do que do sujeito apresentado no cogito de Descartes, através da afirmação "Penso, logo sou".

Afinal, esse sujeito da psicanálise é um sujeito do inconsciente que se revela através de suas formações, tais como o sintoma, os chistes, o ato falho, etc. A técnica da associação livre consiste justamente em falar livremente, sem muitas racionalizações, o que vier à cabeça, para que justamente aí o sujeito se revele. A tarefa à qual o ato psicanalítico ganha seu estatuto é uma tarefa que já implica essa noção de sujeito como tal.

Lacan, na primeira década de seu ensino, define esse sujeito como falta-a-ser, colocando-o sempre como um efeito da articulação significante, que existe no e pelo significante. Sendo assim, o autor elabora sua famosa frase de que um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante. Justamente a partir dessa lógica segundo a qual o sujeito depende do significante para ser, é que se entende o sujeito como barrado, dividido, pois, há pelo menos um significante que não se pronuncia devido ao fato de que não é possível uma adequação total do sujeito ao objeto<sup>21</sup>. O sujeito na neurose tem a falta por estrutura, logo é desejante. Sobre essa falta estrutural, Lacan<sup>22</sup> pontua:

É importante ver que dessas duas linhas, as que designei como a tarefa, o caminho percorrido pelo psicanalisando, enquanto fala, do sujeito ingênuo que é também o sujeito alienado, a esta realização da falta, (...) esta falta não é o que sabemos estar no lugar do "eu não sou". Essa falta estava lá desde o início, e sempre soubemos que essa falta é a essência mesma desse sujeito que se chama às vezes de homem, já que o desejo, já o dissemos, é a essência do homem.

Na aula de 20 de março de 1968, do *Seminário 15*, Lacan afirma como essencial perceber que este efeito de sujeito, que se produz pelo significante, na linguagem, se estabelece como um efeito de divisão. E assim, o ato psicanalítico consiste essencialmente neste tipo de efeito de sujeito que constituirá o sujeito dividido, o \$ barrado. Lacan<sup>23</sup> afirma:

Se devemos introduzir, e necessariamente, a função do ato no nível da psicanálise, é enquanto este fazer psicanalítico implica profundamente o Sujeito. Que, para dizer a verdade, e graças a essa dimensão de sujeito, que renova para nós completamente o que pode ser enunciado do assunto, como tal, e que se chama o inconsciente, este sujeito, na

psicanálise, está, como já formulei, colocado em ato.

### **Ato e poesia**

Lacan<sup>24</sup> diz: “os efeitos da interpretação são recebidos ao nível de que? Da estimulação que ela fornece à inventividade do sujeito. Quero dizer, dessa poesia, da qual falei há instantes”. Dessa forma, podemos perceber que todo ato traz consigo uma marca poética. Essa estimulação à inventividade do sujeito nada mais é que uma poética que não cabe na razão, nem nos protocolos institucionais.

Se o ato analítico é o que autoriza a tarefa do psicanalista, como bem pontuou Lacan, a poesia é aquilo que autoriza a tarefa do poeta. Ambos apresentam sua dimensão de significante, pois dizem algo e fazem ecoar.

A poesia que emociona e produz efeitos certamente é aquela que incide para além da razão. J.-A. Miller<sup>25</sup>, em seu curso “Um esforço de poesia”, vai na direção da conformidade de destino entre psicanálise e poesia. Partindo da constatação de que a psicanálise se posiciona ao lado dos poetas na tarefa de resistir à lógica utilitarista, de uma aposta a que algo de mistério subsiste.

O psicanalista e o poeta são aqueles que não devem se deixar cair em um determinismo utilitarista ou consolador do que está posto, e devem apostar nas fontes inventivas da contingência, do equívoco e dos encontros. Ambos se utilizam da contingência para tratar o impossível, fazendo contorno ao indizível.

### **Ato e instituição**

O discurso analítico supõe o apagamento do discurso egoico, seja ele no consultório ou na instituição. Produz, assim, um apagamento, quando colocado em ato. Laurent<sup>26</sup> afirma que seria ingênuo pensarmos que há algum sujeito sem instituição, mesmo em se tratando daqueles que frequentam o

âmbito privado do consultório, pois não podemos falar de sujeito fora da trama das formações discursivas. O papel do analista é justamente apagar os efeitos da instituição para que algo do sujeito emerja.

Dessa forma, para responder se há ato analítico em instituição, é necessário discutir se há analista em instituição, afinal o lugar que o analista ocupa na instituição é sempre um lugar êxtimo. Afinal, para a tarefa psicanalisante ocorrer, é necessário que haja um apagamento dos efeitos institucionais, seja no consultório privado ou em um ambulatório de Saúde Mental, por exemplo.

O praticante de psicanálise nos dias de hoje, ao lidar com as demandas institucionais, está às voltas com a vertente superegoica da civilização, que se apresenta, na maioria das vezes, através de regulamentos e normas, através da tirania das estatísticas e da homogeneização presentes no "para todos". Nesse contexto, ao invés de comparecer como intérprete da situação que suporia uma posição de maestria, cabe ao praticante apresentar-se com seu não-saber, como agente daquilo que descompleta e aponta para o impossível<sup>27</sup>.

Ao lidar com as demandas institucionais, o praticante faz com isso tal como faz com o supereu, o supereu da civilização. Trata de descompletá-lo, inconsistí-lo, indecidi-lo, indemonstrá-lo. Nos diferentes espaços, o psicanalista deve se colocar como agente de um discurso que leva em consideração o impossível da relação sexual. Trata-se, a cada vez, de desfazer as figuras do todo, do "todo que faz um".

O psicanalista em instituição não tem como tarefa fazer interpretações infinitas e generalizadas. Laurent<sup>28</sup> afirma:

Nós não temos de produzir o comentário infinito de tudo, graças a nosso não-saber. Nossa produção é antes do registro do ponto de

estofos. Se colocamos em jogo o saber sem sujeito, se desencadeamos os poderes da linguagem, se somos "atentos à palavra", desencadeamos uma potência que só tem sentido se sabemos, em um momento dado, que é preciso dar-lhe seu ponto de estofos. Especialmente porque estamos lidando mais e mais com sujeitos que não têm o Nome-do-Pai como ponto de estofos padronizado. Nós inventamos pontos de estofos, com o sintoma no horizonte.

As instituições de Saúde Mental são marcadas por uma clínica infestada de passagens ao ato e atuações, o que convoca o praticante de psicanálise à colocação em ato de seu discurso, apostando em uma inventividade de pontos de basta em sujeitos que normalmente não têm o Nome-do-Pai<sup>29</sup> como amarração padrão.

---

<sup>1</sup> Artigo extraído da monografia do autor, intitulada: "Inventar é preciso... Recuar não é preciso... - Invenções e desinvenções na interlocução entre o discurso da Psicanálise e o campo da Saúde Mental", apresentada ao final do Curso de Pós-graduação em formato de Residência em Psicologia Clínica e Saúde Mental - UFBA/SESAB/HJM, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Analícea de Souza Calmon Santos.

<sup>2</sup> LACAN, J. ([1967-1968]). "O ato psicanalítico". Seminário inédito.

<sup>3</sup> FREUD, S. (1996[1901]). "Sobre a psicopatologia da vida cotidiana". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. VI. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 19-272.

<sup>4</sup> IDEM. (1996[1914]). "Recordar, repetir e elaborar (Novas Recomendações sobre a técnica da Psicanálise II)". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XII. Op. cit., p. 163-171.

<sup>5</sup> LACAN, J. (2005[1962-1963]). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

<sup>6</sup> SANTOS, A.S.C. (2009). *Intervenções do analista: do descobrimento à invenção*. Rio de Janeiro: UFRJ/IP.

<sup>7</sup> BRODSKY, G. (2009[2000]). *Fundamentos. El acto analítico: cuadernos del ICBA*, n. 5. Buenos Aires: Instituto Clínico de Buenos Aires.

<sup>8</sup> LACAN, J. ([1967-1968]). Op. cit.

<sup>9</sup> VICENTE, S. (2004). "O ato analítico". In: *Cogito online*. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-94792004000100010&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-94792004000100010&script=sci_arttext)>.

<sup>10</sup> LACAN, J. ([1967-1968]). Op. cit., aula de 29/11/1967.

<sup>11</sup> IDEM. Ibid., aula de 20/03/1968.

<sup>12</sup> IDEM. Ibid.

<sup>13</sup> IDEM. (2005[1964]). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- 
- <sup>14</sup> BENTES, L.V.G. (2011). *As patologias do ato*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UERJ.
- <sup>15</sup> GUIMARÃES, L. (2012). "Sublimación y posición femenina". Disponível em: <[http://www.facebook.com/notes/1%C3%AAdaguimar%C3%A3es/sublimaci%C3%B3n-y-posici%C3%B3n-femenina/302177133194834?notif\\_t=note\\_reply](http://www.facebook.com/notes/1%C3%AAdaguimar%C3%A3es/sublimaci%C3%B3n-y-posici%C3%B3n-femenina/302177133194834?notif_t=note_reply)>.
- <sup>16</sup> LACAN, J. ([1967-1968]). Op. cit.
- <sup>17</sup> IDEM. Ibid., aula de 20/03/1968.
- <sup>18</sup> IDEM. Ibid.
- <sup>19</sup> FERREIRA, A.B.H. (1986). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- <sup>20</sup> BESSET, V.L. (1977). "Quem sou eu". In: *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 4, n. 49. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 64-71.
- <sup>21</sup> CHAVES, W.C. (2002). "A noção lacaniana da subversão do sujeito". Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932002000400008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000400008&lng=en&nrm=iso)>.
- <sup>22</sup> LACAN, J. ([1967-1968]). Op. cit., aula de 17/01/1968.
- <sup>23</sup> IDEM. Ibid., aula de 15/11/1967.
- <sup>24</sup> IDEM. Ibid., aula de 29/11/1967.
- <sup>25</sup> MILLER, J.-A. (2002-2003). "Curso de orientação Lacaniana - Um esforço de poesia". Paris: Département de Psychanalyse de l'Université Paris 8. Curso inédito.
- <sup>26</sup> LAURENT, É. (2011). "Ato e instituição". In: *Almanaque Online*. Disponível em: <<http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/psicanalise/almanaque/08/textos/Laurent.pdf>>.
- <sup>27</sup> IDEM. Ibidem.
- <sup>28</sup> IDEM. Ibid., p. 5.